

Ana Spina

Conte-nos um pouco de sua trajetória. Como começou a trabalhar com iluminação?

Sempre fui apaixonada por arquitetura e aos nove anos de idade já desenhava planta baixa imaginando minha casa no futuro. Em 2001, trabalhava com interiores quando, no mesmo projeto, Guinter fazia a luminotécnica e fiquei superinteressada; logo, ele me disse que estava precisando de ajuda no escritório e demos início à parceria. No começo, desenvolvía alguns desenhos em casa e levava à noite para ele conferir, depois, começamos a passar os fins de tarde revisando os trabalhos; quando me dei conta estava completamente contagiada por todo este universo. Após as tardes de conversa fiquei ao lado dele por oito anos no escritório Studioix. Em 2008, montei meu próprio escritório e logo conheci o Maneco Quinderé, com quem trabalhei por dois anos. Hoje estou realizando um sonho de aprender e trocar experiências com a Esther Stiller.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

Acredito que os arquitetos tenham uma visão espacial das edificações diferente dos outros profissionais. Porém, aprendi com o Maneco, que não é arquiteto, que existem sensações e sutilezas da percepção que alguns artistas têm, e que não é necessário um diploma para dominar algumas técnicas. Isso depende muito do tipo de projeto a ser realizado.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?



Aprendi que existem sensações e sutilezas da percepção que alguns artistas têm, e que não é necessário um diploma para dominar algumas técnicas.

Entrevista concedida a Adriano Degra

Adoro trabalhar em residências; a troca de informações com cada cliente me deixa super realizada e querendo superar as expectativas. Entretanto, os mais importantes foram os comerciais: Restaurantes Momotaro, Attimo, Rascal, Tuju e a fachada do edifício Land Mark. O WE Hostel também foi muito interessante e é um projeto que recebeu inúmeros prêmios.

Atualmente, qual é a maior dificuldade encontrada pelos lighting designers para exercerem a profissão?

Sinto que a maior dificuldade na nossa área é mostrar o quanto o nosso trabalho é delicado e importante, assim como a concepção da arquitetura. Ser lighting designer não é distribuir pontos pelo projeto, temos um trabalho que necessita da integração com a arquitetura e as demais disciplinas.

Em sua opinião, os projetos de iluminação ficam comprometidos com a exclusiva utilização dos LEDs, uma vez que as incandescentes serão banidas e progressivamente outras fontes pouco eficientes também sairão do mercado?

Estamos em uma evolução muito rápida da tecnologia LED. Os projetos corporativos já estão mais íntegros com as especificações dos diodos emissores de luz, isso ainda não acontece nos residenciais. Acredito que em mais alguns anos utilizaremos, sim, 100% LED em todos os projetos.

Qual a sua expectativa para o mercado de iluminação neste ano de 2015?

Acredito que 2015 será um ano estável para o nosso mercado. Obras e renovações estão acontecendo em nosso país. Particularmente será um ano de aprendizado na minha vida profissional. Espero que os bons fabricantes estejam preparados para a contínua entrada de alternativas de LED no Brasil e que consigamos sempre especificar produtos de boa qualidade e sermos transparentes e honestos com nossa profissão. ◀